

O TRONO E AS CINCO CADEIRAS EPISCOPAIS DO SÉCULO XVIII: UMA TRAJETÓRIA MUSEOLÓGICA

Angela Brandão¹

Resumo

Os objetos artísticos, depois de inseridos no espaço institucionalizado dos museus e exposições, assumem uma nova historicidade que se sobrepõe, ora revelando, ora obscurecendo sua existência anterior. Em 1961, um técnico do *IPHAN* encontrou um trono com cornija ricamente entalhada e atribuiu-a ao escultor Antônio Francisco Lisboa, o Aleijadinho. Outro técnico do *IPHAN*, em 1978, estendeu a autoria para o trono como um todo e para um grupo de cadeiras. Os móveis passaram a ser expostos no *Museu de Arte Sacra da Arquidiocese de Mariana*, e apenas uma das cadeiras fora doada ao *Museu da Inconfidência* de Ouro Preto. Em 1978, estes móveis compuseram a primeira exposição exclusivamente dedicada a Aleijadinho, como comemoração dos trinta anos do *MAM* do Rio de Janeiro. As mudanças, em termos de atribuição e de atenção museológica, influenciaram passo a passo o enfoque museográfico.

Palavras-chave: Antônio Francisco Lisboa; história do mobiliário brasileiro; barroco mineiro.

Resumen

Los objetos artísticos, después de inseridos en el espacio institucionalizado de los museos y exposiciones, adquieren una nueva historicidad que se sobrepone y, a la vez, revela u oculta su existencia anterior. En 1961, un técnico del IPHAN (Instituto de Patrimonio Histórico y Artístico Nacional de Brasil) encontró un trueno con cornija ricamente tallada y la atribuyó al escultor Antônio Francisco Lisboa, el Aleijadinho. Otro técnico del IPHAN, en 1978, amplió la autoría para el trueno como un todo y para un conjunto de sillas. Los muebles pasaron a exponerse en el Museo de Arte Sacra da Arquidiocese de Mariana y sólo una de las sillas en el Museo da Inconfidência de Ouro Preto. En 1978, estos muebles fueron llevados para la primera exposición enteramente dedicada a Aleijadinho, como conmemoración de los treinta años del Museo de Arte Moderna de Rio de Janeiro. Los cambios de autoría y de atención museológica han influenciado el marco museográfico.

Palabras-llave: Antônio Francisco Lisboa; *historia del mobiliario brasileño; barroco de Minas Gerais.*

Em 1961, o técnico do *IPHAN*, Jair Afonso Inácio, foi chamado para restaurar móveis guardados nos depósitos da Arquidiocese de Mariana. Entre as peças a restaurar, encontrou um trono com uma parte aposta: uma cornija ricamente entalhada em madeira. O mesmo técnico atribuiu, em 1964, a autoria da cornija entalhada do trono ao escultor Antônio Francisco Lisboa, o Aleijadinho².

Outro técnico do *IPHAN*, em 1978, desta vez o museólogo Orlandinho Seitas

¹ Doutora em História da Arte – Universidade Tecnológica Federal do Paraná – UTFPR.

² TORRES, Maurílio. “Eis os mais recentes Aleijadinhos” in *O Diário*. Belo Horizonte, 20 de novembro de 1964. Citado por JARDIM, Márcio. *Aleijadinho: Catálogo Geral da Obra*. Belo Horizonte: RTKF, 2006. Pp. 89-90.

Fernandes, estendeu a aplicação da autoria para um grupo de cadeiras, supostamente em número de cinco, que formariam parte de um conjunto a ser composto em volta do trono. Quatro entre as cadeiras passaram a ser expostas no *Museu de Arte Sacra da Arquidiocese de Mariana*, ao lado do trono, e apenas uma das cadeiras fora doada ao *Museu da Inconfidência* de Ouro Preto, em 1940. A ampliação da autoria de Aleijadinho para as seis peças de mobília, o trono como um todo e não apenas sua cornija, e mais as cinco cadeiras foi estabelecida, como vimos, por Orlandino Seitas Fernandes, quando este exercia o cargo de diretor do Museu da Inconfidência³.

Neste mesmo ano de 1978, foi realizada a que teria sido a primeira exposição exclusivamente dedicada à obra de Antônio Francisco Lisboa, no *Museu de Arte Moderna* do Rio de Janeiro, como um dos eventos comemorativos dos trinta anos do Museu. Heloisa Aleixo Lustosa, diretora do *MAM* naqueles anos, considerava importante mostrar móveis feitos pelo Aleijadinho “pois muitos desconhecem que ele tinha essa habilidade”. O *MAM* expunha, assim, o trono dos bispos e, ainda, a cópia de um documento de cobrança junto à secretaria do governo da Capitania de Minas Gerais, pelo feitiço de uma mesa e bancos, datado de 1761, o que comprovaria a hipótese de que o mestre trabalhara, desde cedo, com feitiço de mobília⁴.

Nas anotações do projeto dos “elementos veiculadores de informação”, com os textos das etiquetas a serem afixadas junto às peças da exposição das obras de Aleijadinho de 1978, como consta nos Arquivos do *Museu de Arte Moderna* do Rio de Janeiro; assim como no catálogo realizado por ocasião da exposição, a preocupação era a de fazer ver a um amplo público, entre outros, um novo aspecto sobre a obra do escultor mineiro até então pouco estudado: seu trabalho como marceneiro, sua produção de mobília. Para isso, eram deslocados pela primeira vez o trono episcopal e duas cadeiras do conjunto do *Museu Arquidiocesano de Arte Sacra* de Mariana, “descobertos” em 1961 e parcialmente entendidos como obra de Antônio Francisco. Como vimos, a atribuição ampliada havia sido apresentada naquele mesmo ano em que o *MAM* o transportava para a comemoração de seus trinta anos. Para comprovar uma atribuição tão recente e sem documentação, a mostra se valeu de outro documento, o único que poderia atestar que Aleijadinho tivesse realizado trabalhos de mobiliário: a cobrança em seu nome pelo feitiço de uma mesa e quatro bancos. Tais peças nunca foram encontradas. Os documentos, um recibo e uma petição redigida dois dias antes, com parecer favorável pelo escrivão e tesoureiro da Provedoria Real da Fazenda, foram localizados no Arquivo Nacional por Herculano Gomes Batista, em 1965, portanto, poucos anos depois da cornija do trono de Mariana ter sido considerada como obra de Aleijadinho e poucos anos antes de entender-se como obra autêntica um conjunto inteiro de peças de mobiliário. A notícia da descoberta desse documento foi publicada no jornal *O Estado de Minas* em 17 de agosto de 1965⁵.

Algumas imprecisões quanto ao tratamento museográfico dado a este conjunto de móveis do século XVIII, durante a exposição do *MAM*, não poderiam deixar de ser notadas. A datação de 1787, proposta no projeto das legendas, ao mesmo tempo em que se consideravam as peças como pertencentes ao quarto bispo de Mariana, Dom Frei Domingos da Encarnação Pontével não coincide com o início do exercício de sua diocese. Embora confirmado bispo em 1789, apenas assumiu após entrada solene na Catedral de Mariana que só se deu em 1790. As cadeiras que, conforme o mesmo prometo das

³ JARDIM, Márcio. Aleijadinho: Catálogo Geral da Obra. Op. cit. p. 90.

⁴ Aleijadinho no Rio, para os 30 anos do Museu de Arte. In Folha de São Paulo, 28 de abril de 1978.

⁵ JARDIM, Márcio. O Aleijadinho: Catálogo das obras. Op.cit. pp. 52-53.

informações que deveriam constar nas legendas, teriam sido feitas para o Palácio de Residência em Ouro Preto, do quarto bispo e, portanto, não poderiam ser datadas de antes de 1790⁶. No catálogo da exposição do MAM a foto do trono ladeado por duas das cadeiras trazia a legenda: “Estilo D. João V”. A confusão entre as definições estilísticas que permeia o mobiliário luso-brasileiro do século XVIII é justificada pelas dificuldades de se estabelecer limites precisos entre peças produzidas na primeira e na segunda metade da centúria, assim como pela existência de muitos elementos de transição e de sobreposição. No que se refere ao conjunto de móveis atribuídos ao Aleijadinho, embora as cinco cadeiras que cercariam o trono sejam em estilo Dom José I, de modo inconfundível; o trono apresenta seu corpo também em estilo rococó, mas guarda, no peso escultórico do coroamento do encosto, volumes e elementos ainda barrocos, ainda joaninos⁷.

É curioso como, no conjunto de informações levantadas para a mostra de Aleijadinho, ocorrida no MAM em 1978, mencionavam-se doze cadeiras e não apenas as cinco hoje conhecidas. É bastante plausível, mas ainda sujeito a confirmação por parte da Arquidiocese de Mariana, atualmente checando seus depósitos, que se trate de um grupo de móveis maior do que aquele que se encontra hoje exposto nos *Museus de Arte Sacra de Mariana* e no *Museu da Inconfidência*. As doze cadeiras ao redor do trono corresponderiam aos doze membros do cabido, auxiliares do bispo, e cumpririam adequadamente a função de acomodar a reunião do cabido e não simplesmente a de uma mobília para a sala de visitas de um paço episcopal⁸.

Outra imprecisão nas informações levantadas para a exposição de 1978 dizia respeito à proveniência do conjunto de mobiliário. Embora no projeto das legendas para a mostra afirmava-se que as cadeiras teriam composto um salão de visitas do Palácio de Dom Frei Domingos em Ouro Preto, no catálogo constava apenas a informação de que provinham do Palácio dos Bispos em Mariana.

O fato é que, do ponto de vista museológico, tal proveniência não foi nunca uniformizada. Ainda hoje o *Museu de Arte Sacra* de Mariana considera o conjunto de cadeiras como proveniente do Paço Episcopal de Mariana, enquanto o *Museu da Inconfidência* considera a única das cadeiras que possui como advinda do Palácio de Pontével em Ouro Preto. O catálogo do *Banco Safra* mantém esta informação. Foi justamente nessa publicação que uma das peças do conjunto de móveis atribuído ao Aleijadinho mereceu nova atenção. As informações contidas no catálogo da mostra do MAM de 1978 foram então corrigidas, a cadeira do *Museu da Inconfidência*, no catálogo do *Banco Safra*, mantinha-se atribuída a Antônio Francisco Lisboa, mantinha-se sob a idéia de que provinha do Palácio Episcopal de Ouro Preto e de que seu proprietário havia sido o quarto bispo de Mariana. Considerava-a, agora, no entanto, retificando-a como um exemplar do estilo Dom José I⁹.

Parece que desde a publicação do Catálogo do *Museu da Inconfidência*, portanto desde 1995, o trono e as cinco cadeiras atribuídas ao Aleijadinho não mereceram outra atenção do ponto de vista museológico, até que em 2006 foi solicitado ao *Museu Arquidiocesano de Arte Sacra* de Mariana o empréstimo do trono ao *Museu da Filadélfia*, nos Estados Unidos

⁶ Exposição “O Aleijadinho”. Projeto dos elementos veiculadores de informações. Documento datilografado s/ autor. Arquivo do Museu de Arte Moderna do Rio de Janeiro. SANTIAGO, Pe. Marcelo Moreira et allii. Igreja de Mariana 100 anos como arquidiocese. Mariana: Dom viçoso, 2006.

⁷ Aleijadinho. Museu de Arte Moderna. Rio de Janeiro. Embratur. De 26 de abril a 26 de maio de 1978.

⁸ Exposição “O Aleijadinho”. Projeto dos elementos veiculadores de informações. Documento datilografado s/ autor. Arquivo do Museu de Arte Moderna do Rio de Janeiro. SANTIAGO, Pe. Marcelo Moreira et allii. Igreja de Mariana 100 anos como arquidiocese. Op.cit.

⁹ Museu da Inconfidência. São Paulo: Banco Safra, 1995.

para a exposição *Arte na América Latina*, entre 17 de setembro e 31 de dezembro¹⁰.

No catálogo dessa exposição, Jorge F. Rivas P. dedicava uma página ao trono episcopal do *Museu de Arte Sacra* de Mariana ao lado de uma fotografia do móvel. Ao manter a idéia da atribuição do trono ao Aleijadinho, o autor lembrava que o arquiteto e escultor trabalhara em outras formas, incluindo o mobiliário, e o trono o evidenciava¹¹. Era a segunda vez que a peça deixava o museu de Mariana para uma exposição temporária e, agora, fora do país. No entanto, tratava-se provavelmente do primeiro tratamento que recebia em termos de um “catalogue raisonné”. Em apenas uma página que a ele dedicara, o texto do catálogo da exposição da Filadélfia redigido por Rivas fornecia preciosas observações sobre o objeto, inserindo-o numa discussão que ultrapassava os limites de uma atribuição ou de uma história do mobiliário mineiro do século XVIII, como um aspecto isolado, e indicava sua inserção em projetos decorativos mais amplos. Mesmo a compreensão da obra de Aleijadinho, confiando na hipótese de que este arquiteto e escultor houvesse trabalhado com produção de mobília, apresentava-se com um sentido de totalidade artística e de compreensão da interdependência entre os projetos de arquitetura, a decoração externa e interna dos edifícios, as esculturas em pedra, os retábulos, as talhas e suas esculturas em madeira e, quiçá, o mobiliário como partes integradas de uma concepção total.

No mesmo ano de 2006, em que o trono episcopal do Museu de Mariana foi levado à exposição da Filadélfia, organizou-se no Rio de Janeiro, no *Centro Cultural Banco do Brasil*, a grande exposição “Aleijadinho e seu tempo: fé, engenho e arte”. Foi solicitado o empréstimo do trono, mas as tratativas de empréstimo ao *Museu da Filadélfia* já se haviam encerrado. Assim, quando a exposição organizada pelo *Centro Cultural Banco do Brasil*, depois de passar pela cidade do Rio de Janeiro e Brasília, foi deslocada a São Paulo, nesse ínterim, o trono retornava a Mariana e pôde compor a última etapa não prevista da exposição itinerante, em São Paulo, mas infelizmente não constou no catálogo¹². Lia-se apenas uma pequena menção, num dos ensaios introdutórios, em que Ângelo Oswaldo de Araújo Santos escreveu: “Não escaparia ao menino [Aleijadinho] de 10 anos a repercussão das grandiosas festas do Áureo Trono Episcopal com que a cidade de Mariana recebe, em 1748, o primeiro bispo das Minas Gerais, Dom Frei Manuel da Cruz – trono mais tarde executado em madeira pelo grande artista”¹³.

E, finalmente, o trono episcopal e cinco cadeiras serão apresentadas por Márcio Jardim em seu catálogo geral das obras de Aleijadinho, editado em Belo Horizonte, sempre no ano de 2006. Aqui, o autor apresentava rapidamente a trajetória da descoberta à atribuição parcial e total das peças a Antônio Francisco Lisboa¹⁴.

Na ficha do *Museu Arquidiocesano de Arte Sacra de Mariana*, o trono episcopal é denominado “cadeirão”, atribuído ao Aleijadinho, datado entre 1778 e 1793, em jacarandá entalhado e veludo, proveniente do Paço Episcopal (de Mariana?). Embora se considere bom seu estado de conservação, observase a falta da asa do anjo da esquerda e da cruz que deveria estar na mão do anjo à direita, assim como a falta do arremate do pé esquerdo traseiro¹⁵.

¹⁰ Art in Latin America 1492-1820. Philadelphia Museum of Art, 17 sept – 31 dic. 2006.

¹¹ Ibid. idem.

¹² Aleijadinho e seu tempo: fé, engenho e arte”. Rio de Janeiro: Centro Cultural Banco do Brasil, 2006.

¹³ SANTOS, Ângelo Oswaldo de Araújo. Cotidiano e contexto cultural nos passos de Aleijadinho. in *Aleijadinho e seu tempo: fé, engenho e arte*. Rio de Janeiro: Centro Cultural Banco do Brasil, 2006. p.43

¹⁴ JARDIM, M. op.cit. p. 61 e pp.89-90.

¹⁵ Ficha de Inventário. Cadeirão. Museu Arquidiocesano de Arte Sacra de Mariana.

A descrição do trono, na ficha do Museu de Mariana apresenta ao menos dois elementos curiosos. O primeiro diz respeito à medida das joelheiras, consideradas aqui como de saída brusca, o que caracterizaria o trono como pertencente ao estilo Dom João V, do mesmo modo como havia sido classificado pelo catálogo de sua primeira apresentação na grande exposição temporária, no *Museu de Arte Moderna* do Rio de Janeiro em 1978¹⁶. Uma observação mais cautelosa, no entanto, indicaria que as pernas do trono já apresentam um cabriolet suave, sem uma saída brusca de joelheira, a ponto de caracterizá-lo, ao menos no que se refere a sua concepção enquanto mobília, como uma peça em estilo rococó ou Dom José I. Mas a sobreposição de ambos estilos do século XVIII luso-brasileiro parece marcar a idéia do trono como um todo e, talvez, essa ambigüidade fosse pressentida por diversos observadores, tanto aquele que redigiu o catálogo da exposição de 1978 como o autor da descrição da ficha de inventário do *Museu Arquidiocesano de Arte Sacra* de Mariana.

O segundo aspecto a ser notado é que, embora o emblema sustentado pelo anjo da esquerda esteja faltando e nunca tenha sido encontrado, o autor da descrição considera que havia ali, certamente, uma cruz. A ausência da cruz é assinalada ao descrever o estado de conservação do trono, mas não é mencionada no momento da descrição da peça. A convicção de que o objeto que o anjo transportava tenha sido mesmo uma cruz deveria estar fundamentada em uma série de conjecturas.

A única das cadeiras do conjunto de mobília atribuído ao Aleijadinho que pertence ao *Museu da Inconfidência* de Ouro Preto foi também cuidadosamente tratada em termos museográficos em diferentes momentos da história do museu, mas que se condensam na Ficha de Catalogação do *Sistema de Controle do Acervo Museológico do Museu da Inconfidência* organizado pela museóloga Celina Santos Barboza¹⁷.

O sistema de catalogação do *Museu da Inconfidência* traz um dossiê completo a respeito da cadeira, sob o número de inventário 696, atribuída a Aleijadinho. Como se sabe, a cadeira foi doada ao Museu de Ouro Preto pelo *Museu Arquidiocesano de Arte Sacra* de Mariana em 1940. No projeto do catálogo do *Museu da Inconfidência*, idealizado pelo Cônego Raimundo Otávio da Trindade, importante estudioso e conhecedor da história eclesiástica e artística de Mariana, mencionava desde 1946 a presença de duas poltronas forradas de damasco amarelo provenientes do *Museu Arquidiocesano*. Da mesma maneira, o inventário do *Museu da Inconfidência* de 1946 continha referência a uma cadeira de jacarandá com assento e encosto de veludo vermelho¹⁸.

No *Guia do Visitante* do *Museu da Inconfidência* de 1965, escrito por Orlandino Seitas Fernandes, a cadeira de número de inventário 696 parecia estar localizada na Sala XIII do Museu: “encontramos um armário ladeado por duas cadeiras, móveis todos esses da segunda metade do século XVIII”, portanto não se encontrava ainda associada ao mestre Aleijadinho, já que a ele se dedicava a Sala I do Museu¹⁹.

Entre os anos de 1979 e 1981, Maria José de Assunção da Cunha desenvolvia o “Arrolamento de Bens Móveis da IPHAN/SPHAN/FDPM”, onde em meio aos objetos localizados em museus de Minas Gerais, constava uma “cadeira eclesiástica, em madeira e damasco, com o espaldar e o assento recortados, entalhado e estofado em damasco. No

¹⁶ *Aleijadinho*. Museu de Arte Moderna. Rio de Janeiro. Embratur. De 26 de abril a 26 de maio de 1978.

¹⁷ BARBOZA, Celina Santos. Referências Documentais. In Ficha de Catalogação. N.º de Inventário 696. *Sistema de Controle do Acervo Museológico*. Museu da Inconfidência – Ouro preto, Minas Gerais, 1999.

¹⁸ Ibid. idem.

¹⁹ Ibid. idem.

alto do espaldar, ornatos de rebuscada execução, com elementos concheados e volutas, tendo no centro a mitra. Braços e suportes dos braços terminados em volutas goivadas. A caixa do assento de perfil peculiar, tendo esta ornatos recortados com elementos concheados. Pernas arqueadas, de quinas aguçadas, com o cordão de remate terminando em volutas na altura dos pés. Cadeira de braços, estilo Dom José, de influência francesa, de grande erudição”²⁰.

Nota-se que as referências à única entre as cinco (ou doze) cadeiras que circundavam o trono episcopal foram ganhando, desde sua doação do Museu de Mariana para o *Museu da Inconfidência* em 1940, maiores preocupações descritivas, um maior detalhamento. É certo que isso dissesse respeito à evolução dos sistemas de catalogação e inventário dos museus brasileiros – e dos museus de um modo em geral. Porém, seria importante acrescentar que entre as simples menções dos anos 1940 ou 1950 a uma cadeira de braços estofada e o cuidado de tratamento museográfico a partir dos anos 1978 havia ocorrido uma importante mudança de enfoque: se até início dos anos sessenta o trono de Mariana era parcialmente entendido como obra de Antônio Francisco Lisboa, somente no final dos anos setenta o trono e as cadeiras foram todos atribuídos ao importante escultor mineiro e levados para a grande exposição ocorrida no Rio de Janeiro. É provável que essa mudança em termos de atribuição e de atenção museológica tenha influenciado o enfoque museográfico. Hoje a cadeira se encontra exposta na sala dedicada a Aleijadinho. O percurso dos objetos artísticos prossegue depois de sua inserção no espaço institucionalizado dos museus e das exposições, nos registros de inventários e catálogos, acumulando sobre eles uma “vida” própria, uma outra história, que diz respeito tanto à sua fortuna crítica, um acúmulo de diferentes recepções, quanto às respostas dadas aos resultados de pesquisas formuladas em torno dos mesmos. Trata-se da constituição de outras formas de olhar e de uma nova forma de historicidade dos objetos que se sobrepõe, ora revelando, ora obscurecendo sua existência anterior.

²⁰ Ibid. idem.



c. 1778-1783 Antônio Francisco Lisboa (atr.) Trono Episcopal e cadeiras. Jacarandá entalhado e estofado, proveniente do Paço Episcopal de Mariana. Museu Arquidiocesano e Arte Sacra de Mariana, Brasil. Foto da autora.



c. 1778-1783 Antônio Francisco Lisboa (atr.) Cadeira Episcopal. Jacarandá entalhado e estofado, proveniente do Paço Episcopal de Mariana. Museu da Inconfidência, Ouro Preto, Brasil. Foto Catálogo Banco Safra.